

Migrações e urbanização em Salvador

Queremos dar, com esta pesquisa, uma contribuição ao estudo do processo de urbanização de Salvador, sobretudo através das migrações. Como sabemos, o tema é muito pouco explorado entre nós. A Prof.^a Jacqueline Beaujeu-Garnier escreveu "As Migrações para Salvador", artigo publicado no *Boletim Baiano de Geografia*, n.^{os} 7 e 8. A *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, no seu número 15, do ano de 1963, apresenta um artigo do Prof. Milton Santos intitulado "As Migrações para Salvador Através da Análise do Fichário Eleitoral". Daí porque em muita pouca coisa pré-existente podemos nos basear na elaboração deste trabalho. Evidentemente, os dados mais utilizados por nós foram aqueles revelados pelas pesquisas de campo.

Exatamente por termos abordado um problema complexo, estamos certo de que não esgota a matéria. Apenas oferecemos ligeira contribuição a esse assunto e desejamos a nossos colegas sociólogos, geógrafos e demógrafos que, de igual modo, concorram para um estudo de um fenômeno tão peculiar à nossa época, como é urbanização.

Para a elaboração do presente trabalho, seleccionamos 4 áreas na cidade do Salvador: o Acupe, nas imediações de Brotas e da Av. Vasco da Gama, a Federação, no subdistrito da Vitória, os

Alagados, na península de Itapagipe. e a Av. San Martin, no Retiro.

Essas áreas pareceram propícias para um estudo sobre migrações, levando-se em conta suas características de bairros pobres. Tentou-se estabelecer a relação existente entre as migrações e o surgimento e crescimento de favelas em Salvador. Os dados trabalhados foram colhidos no primeiro semestre do ano de 1966.

Foram tomadas basicamente duas situações: a) — Os problemas gerais surgidos com a chegada de novos moradores; b) — O diagnóstico das migrações.

No primeiro item, foram desdobradas as seguintes partes: a) — A composição familiar (parentesco, sexo, idade, estado civil); b) — Higiene; c) — Renda familiar; d) — Tipos de habitação e suas características; e) — Situação profissional; f) — Tempo de residência na área.

No segundo item, tomamos por base as seguintes indicações: a) — Procedência dos migrantes; b) — Residências anteriores; c) — Idade dos migrantes; d) — Data das migrações; e) — Situação profissional anterior à migração; f) — Motivos da vinda para Salvador e g) — Meios de transportes usados.

Essas variáveis constaram do questionário aplicado. Posteriormente, foram codificadas e transpostas para fichas McBee Keysort.

De acordo com a tabela seguinte, foram atribuídos a determinadas variáveis os seguintes graus, a fim de melhor avaliarmos as respostas fornecidas.

Foram, posteriormente, definidos os seguintes índices, que podem tomar valores que variam de 1 a 5 (quanto mais elevado o valor, melhor a situação):

a) — *Condições gerais de habitação (CH)* — Constituem a média aritmética resultante dos valores conferidos a cada família, tomando-se o índice de aglomeração (pessoa/peça) mais o grau de conservação, tipos de parede e tipo de piso.

b) — *Condições de higiene pessoal e de habitação (CHPH)* — Média dos graus atribuídos a cada família, segundo as condições higiênicas das pessoas e da habitação.

c) — *Nível educacional geral da família (NEF)* — Média dos graus atribuídos a cada indivíduo, segundo os níveis educacionais do chefe e das esposas e o nível médio de escolaridade emprestado às crianças de 5 a 14 anos de idade.

d) — *Nível sócio-econômico geral da família (NSEF)* — Média dos graus de acordo com a renda *per capita* anual média, as condições gerais de habitação, de higiene pessoal e da casa e o nível educacional da família.

TABELA 1

Determinação dos graus atribuídos a variáveis sócio-econômicas, em grupos de famílias de 4 áreas de Salvador.

	GRAU OU ESCORE				
	1	2	3	4	5
Renda <i>per capita</i> (número de salários mínimos)	menos de 1	1+	2+	3-4	5+
Nível educacional do chefe ou esposa (anos de escola)	analfabeto	1	2-3	4-5	Sec.
Escolaridade. Crianças de 5 a 14 anos (defasagem em relação ao nível satisfatório)	5-6	4	3	1-2	0
Índice de aglomeração (pessoa/peça)	+3	3	2	1-	-1

Escolhidas as áreas, tomamos em média mais de 100 famílias para cada uma delas, compreendendo, pois, um total superior a 400. 434, exatamente. Como em média obtivemos 6 pessoas por família, a pesquisa atingiu mais de 2.400 indivíduos. A precariedade de recursos financeiros foi o principal obstáculo a uma amostragem mais significativa. No entanto, a quase identidade dos dados posteriormente obtidos levam-nos à pensar que estamos lidando com populações mais ou menos homogêneas e, por isso mesmo, se fôssemos levar a coleta de dados a outros bairros proletários, possivelmente acrescidos de uma população de migrantes, obteríamos dados da mesma natureza dos obtidos nos Alagados, Acupe, Federação ou Retiro. Supomos, contudo, que o relatório que ora apresentamos contém alguns dados concretos, capazes de auxiliar a compreensão de tão grave problema, como é o da "inchação" urbana.

NATUREZA DAS MIGRAÇÕES

Segundo Dolot⁽¹⁾, as migrações não são apenas comuns aos homens. Também certas espécies animais conhecem o fenômeno.

Transposições de certas culturas vegetais são igualmente observadas. Ajuntem-se, modernamente, as migrações dos capitais.

Ainda Dolot⁽²⁾, ao estudar as causas das migrações, lembra que foram as causas de ordem natural as primeiras a influir nesse fenômeno: fome, cataclismos, fuga de solos improdutivos, etc.

Quanto às causas sociais, essas podem influir da maneira mais variada, através de: a) — perseguições religiosas (fuga de não-anglicanos da Inglaterra, a partir do Século XVI, dos calvinistas da França, etc.); b) — perseguições políticas (a exemplo das perseguições da antiga Grécia); c) — Condições econômicas: atrações por parte dos altos salários nos países novos ou nas cidades.

As migrações podem ser expulsivas (motivadas pela chegada de um conquistador, desempregos, etc.) e atrativas (sedução por novas terras, sede de riquezas e razões semelhantes).

Variam conforme as circunstâncias, podendo ser forçadas ou violentas, regulares e metódicas, migrações em massa ou individuais, espontâneas e organizadas pelo Estado.

As migrações podem ser definidas como movimentos horizontais de população. De ordinário, são os jovens que emigram. Os países ou regiões de emigrações perdem seus braços mais viris, que vão contribuir para o crescimento de outras áreas, que os absorvem. É um movimento incessante em busca do equilíbrio populacional, entre regiões superpovoadas e subpovoadas. Nos países subdesenvolvidos, as grandes cidades são pontos de atração para os trabalhadores rurais.

Segundo Jean-Bernard Charrier⁽³⁾, existe entre as cidades e o campo certas oposições — demográficas, psicológicas, econômicas, sociológicas, culturais. “Em primeiro lugar — acrescenta — parece claro, o cidadão, principalmente o habitante de uma grande cidade, que nos parece ser o cidadão por excelência, não vive do mesmo modo que o homem do campo, o agricultor, o camponês. (...) O primeiro vive em um meio largamente “artificial”, que G. Friedmann chama “meio técnico” (mas onde os condicionamentos não são apenas de ordem técnica, mas também econômica e social), enquanto o segundo se instalou em um meio onde, ao lado dos condicionamentos precedentes, jamais completamente ausentes, contam, também, em proporção variável, mas jamais negligenciável, com certos condicionamentos específicos de ordem natural”⁽⁴⁾.

Ainda de acordo com o mesmo estudioso, as cidades são dinamismo e o campo, inércia. Os campos sobrevivem apenas, as cidades renovam-se. O meio rural é conservador e refúgio de arcaísmos. As cidades são berços das novidades tecnológicas⁽⁵⁾.

Coube a T. Lynn Smith⁽⁶⁾ uma das sistematizações das diferenças entre os meios urbanos e rurais das mais apreciáveis. São

diferenciações quanto a: 1) — *ocupação* (atividades econômicas marcadamente distintas); 2) — *tamanho da comunidade* (a agricultura exige uma considerável área de terra por pessoas, isto é, uma relação elevada entre a terra e o homem); 3) — *densidade da população* (elevada na cidade, baixa no campo); 4) *ambiente* (mais natural no campo, mais artificial na cidade); 5) — *diferenciação social* (a cidade apresenta maior número de grupos sociais). Contudo, a despeito da heterogeneidade, o meio urbano possui um alto grau de integração e coordenação. No campo, a situação é menos complexa. Predominam os contatos de natureza primária. É bom assinalar que, embora o campo aparente mais homogeneidade, paradoxalmente não funciona como uma unidade, faltando-lhe aquele sentido de integração peculiar ao ambiente urbano; 6) — *estratificação social* (ao menos podem ser feitas 4 distinções entre as pirâmides sociais das áreas rural e urbana: a) — o número de classes sociais é menor no campo que na cidade; b) — os extremos da pirâmide social não se encontram tão distanciados nas sociedades rurais como nas urbanas; c) — a pirâmide social rural, como totalidade, não se situa tão baixo nem se eleva tão alto, ao contrário das cidades, onde os extremos são mais comuns; d) — o princípio de castas não é tão rígido nas sociedades urbanas como nas rurais. A mudança de classes é muito mais freqüente na cidade do que no campo; 7) — *mobilidade social* (muito mais observada na cidade do que no campo, onde é mais difícil a passagem de um grupo social para outro), 8) — *interação social* (o número de contatos sociais é maior nas cidades do que nas áreas rurais). A natureza das ocupações urbanas obriga o habitante da cidade a misturar-se com a multidão repetidamente todos os dias. Em sua própria casa, a duras penas separado das moradas alheias, os periódicos, o telefone e o rádio o vinculam a uma multidão de contatos secundários. Diversa é, pois, a situação no campo, onde o agricultor raramente entra em contato com alguém que não seja de sua família, um agregado ou vizinho próximo; 9) — *Solidariedade social* (a solidariedade rural baseia-se em relações muito informais e não-contratuais. A urbana, nas diferenças e desigualdades que se originam na divisão do trabalho, a especialização e interdependência mútua que nasce da expressão normal ou não patológica da mesma. Esse tipo de solidariedade se forma nos gêneros de relações formais e contratuais.) Como nosso trabalho trata da relação cidade/campo, achamos conveniente apresentarmos as distinções que os separam. No próximo item, procuraremos mostrar não mais as diferenças entre o urbano e o rural, mas a tendência geral do crescimento demográfico, começando com sua evolução histórica.

O CRESCIMENTO GERAL DA POPULAÇÃO

No começo da era cristã, a população humana não devia ultrapassar 300 milhões de pessoas. 1.600 anos depois, esta cifra elevou-se a 500 milhões. Em 1850, já havia atingido 1 bilhão, mas em 1960, 110 anos depois, superava a casa dos 3 bilhões. Como se vê, o crescimento é cada vez mais acelerado. Foram necessários milhares e milhares de anos para que a humanidade atingisse 500 milhões de indivíduos. Esse número dobrou em 2 séculos e meio e, a partir daí, triplicou em pouco mais de um século.

Uma estimativa conservadora, isto é, baseada no ritmo atual de crescimento demográfico (1,9% ao ano), prevê uma população mínima de 5,3 bilhões e máxima de 6,8 bilhões no ano 2000, o que significa que nestes 40 anos a população mundial vai dobrar e que ela vai crescer no período 1960/2000 o mesmo tanto que a Humanidade conseguiu atingir até nossos dias. Contudo, o crescimento pode ser ainda maior e há cálculos que afirmam ser de 7,41 bilhões a população no fim do século. Para isso, é preciso que a taxa de fertilidade não se altere em relação a 1960 e, por outro lado, a mortalidade continue diminuindo no ritmo da década de 1950. Sendo assim, a população da América Latina seria de 3,6 vezes maior; as da África e do sul da Ásia, mais de 3 vezes; a da Ásia Oriental, 2,3 vezes maior, ao passo que as da Oceania, América do Norte e URSS quase duplicariam e a da Europa aumentaria de 1 terço. Crescendo cerca de 60 milhões por ano a população mundial, é como se ganhasse uma Espanha e uma Polônia anualmente⁽⁷⁾.

Há um aspecto, porém, a lembrar quando estudamos o problema do crescimento demográfico: o de que existe uma diferença, cada vez mais acentuada, entre o ritmo de crescimento urbano e o rural, o que tem sido motivo de preocupação para os estudiosos do assunto, sejam sociólogos ou geógrafos, urbanistas ou demógrafos. Segundo dados das próprias Nações Unidas, 700 milhões de pessoas viviam em 1960, em áreas urbanas de 20.000 ou mais habitantes, contra 537 milhões em 1950, isto é, 35% mais⁽⁸⁾. Outro pormenor: a população do mundo cresce 1,9% ao ano. Em comparação, as cidades, principalmente nos países em desenvolvimento, crescem de 3,5 a 4,5%, havendo metrópoles cujo crescimento chega a 8% ao ano.

Para Michel Ragon⁽⁹⁾, a expansão urbana não é apenas espetacular. Chega a ser alarmante. Na Gália romana, os principais núcleos populacionais tinham uma população média de 15 mil habitantes. Compare-se esse fato, agora, com os 32 mil habitantes por quilômetro quadrado, em Paris, os 16 mil de Tóquio e os 13 mil de Nova Iorque. As migrações são grandemente responsáveis. Até o fim do século, a população rural deverá alcançar, no máximo, mais 12%, o bastante para satisfazer as necessidades cole-

tivas. Na América Latina, Caracas quintuplicou a sua população em 20 anos. No mesmo espaço de tempo (1940-1960), São Paulo triplicou a sua, a exemplo de Lima. Na Ásia, a situação é semelhante: Bombaim igualmente triplicou, Nova Deli, Carachi e Pequim dobraram.

A industrialização é, evidentemente, responsável por êsse espetacular crescimento urbano, atraindo para as cidades a população rural. Isso é mais que evidente nos países em desenvolvimento. No entanto, nos velhos países industriais, o ritmo de urbanização foi reduzido desde 1930. Na Inglaterra, êsse fenômeno parece ter encontrado sua saturação. Esse país, ao menos aparentemente, achou o equilíbrio entre a população urbana e a rural.

É possível traçar uma relação entre urbanização e taxa de natalidade. Ainda Ragon: "Assim é que, nas zonas urbanas, onde as crianças deixaram de ser úteis produtores, para tornarem-se dispendiosos consumidores, a falta de habitação provoca uma diminuição na taxa de natalidade. Na Europa, onde a urbanização é mais intensa do que em qualquer outra parte, a taxa de natalidade é a mais baixa de quantas se conhecem: 19/1000, contra 42/1000 na Ásia e 46/1000 na África. Em países onde começou mais tarde a industrialização, o referido processo ocasionou uma transformação. Na União Soviética, 23 milhões de pessoas transferiam-se de zonas rurais para urbanas entre 1926 e 1939. Foram construídas 900 novas cidades para abrigar essas pessoas, tendo quadruplicada a população urbana da URSS em 30 anos".

"Essa "explosão" tem levado os neomalthusianos a temer pelo futuro da Humanidade. Richmond Anderson, num artigo publicado pelo *Canadian Journal of Public Health*, aborda êsse problema, lembrando que o mundo apresenta possibilidades limitadas, ao passo que o homem possui uma infinita capacidade de multiplicação, daí a necessidade de regulá-la. Anderson alegra-se porque está havendo uma compreensão crescente da relação entre população e desenvolvimento econômico, o que vem animando certo número de países a adotar uma política de contróle da natalidade, ajudada por recentes avanços tecnológicos, com a finalidade de reduzir a alta taxa de crescimento populacional⁽¹⁰⁾. Devemos esclarecer que, ao divulgar o pensamento de um defensor da limitação populacional, não estamos concordando com tais idéias. No caso brasileiro, nosso principal problema demográfico é o de povoar vasta área territorial, sendo incoerente qualquer plano de contróle dessa "explosão".

PROBLEMAS DAS POPULAÇÕES ESTUDADAS

Nos itens anteriores, tivemos a preocupação de apresentar aspectos gerais da questão demográfica, quer analisando as causas

prováveis das migrações, quer mostrando as diferenças entre as sociedades urbanas e rurais, ou ainda a evolução da população mundial e suas tendências atuais. Agora, o nosso objetivo será o de mostrar os problemas pertinentes às áreas em que nos detivemos, para a realização da presente pesquisa.

COMPOSIÇÃO ETÁRIA

Os problemas encontrados em cada uma das 4 populações estudadas foram, de certo modo, muito parecidos. Isso não podia deixar de ser, desde que os bairros escolhidos situam-se todos eles como de gente humilde. Aqui estão presentes as características de uma população de país subdesenvolvido, a começar pela distribuição por idade. A característica predominante é a alta percentagem da população de baixa idade, em comparação com as cifras reduzidas do pessoal cuja idade seja superior aos 40 anos. Dupla explicação para o caso, que não é, aliás, de natureza regional, mas mundial: a elevada taxa de natalidade e o baixo nível de vida (que concorre para uma existência humana mais curta e mais necessitada). Os autores são unânimes em afirmar o duplo problema⁽¹¹⁾. A alta taxa de crescimento demográfico sobrecarrega, de modo geral, as classes sociais inferiores. A renda *per capita* baixíssima dessas famílias representa também a impossibilidade de alcançar-se um padrão de vida elevado, o que traduz, além das dificuldades diárias, quase uma média de vida reduzida, inferior mesmo aos quarenta anos em tantas partes do mundo⁽¹²⁾.

Quer nos Alagados, quer no Acupe, Retiro ou Federação, a questão a que nos referimos está presente: o alto percentual da população jovem. A pirâmide etária fica constituída por uma larga base, ao passo que sua extremidade superior é por demais reduzida. A tabela que segue nos dá uma idéia mais ou menos precisa desse fato. (v. Tab. 2.)

NÚMERO DE MEMBROS DAS FAMÍLIAS

Outro aspecto a informar: o alto número das famílias numerosas, característica freqüentemente apontada como própria da família camponesa ou mesmo operária, o que foi confirmado nessa pesquisa. A despeito da variedade das áreas onde os dados foram coletados, os resultados são bastante semelhantes. Foi a essa conclusão que chegamos, depois de analisarmos os dados coligidos, conclusão essa que nada tem de surpreendente, enquadrando-se, portanto, no quadro geral do mundo subdesenvolvido. Assim, as famílias de mais de 7 membros representam 33,7 da população da Federação, 32,5 do Acupe, 28,4 do Retiro e 23,0% dos Alagados. A Tabela 3 explica melhor a situação.

TABELA 2

Distribuição percentual por idade das populações de 4 bairros da cidade do Salvador

Grupos de Idade	BAIRROS			
	Federação	Acupe	Retiro	Alagados
Até 5 anos	21,2	20,7	16,1	21,2
5-10	15,6	18,8	21,6	15,8
15-20	7,8	7,6	7,2	8,8
20-30	17,8	12,3	19,3	10,7
30-40	11,4	12,0	12,5	15,0
40-50	6,6	6,8	7,2	6,7
50 e mais	7,8	6,1	4,6	6,4
Total de famílias	110	108	112	104

Fonte: Pesquisa de campo

TABELA N.º 3

Características da População de 4 bairros de Salvador. Número de membros das famílias. Percentual sobre o total.

Número de pessoas por família	BAIRROS			
	Federação 110 fam.	Acupe 108 fam.	Retiro 112 fam.	Alagados 104 fam.
1	1,8	2,7	1,7	—
2	6,3	7,1	10,7	15,3
3-4	30,8	29,6	26,7	35,5
5-6	27,4	27,8	32,1	25,9
7-9	26,4	26,0	26,7	12,8
10 e mais	7,3	6,5	2,1	10,5

Fonte: Pesquisa de campo.

A êsse respeito, Alfred Sauvy comenta: "Pode-se definir o número normal de filhos, razoável, conveniente, para uma família? Isso pode ser estimado ou determinado de diversos pontos-de-vista:

- a) — Económico (o nível de vida da família);
- b) — Equilíbrio psicofisiológico da família;
- c) — A opinião das pessoas em relação à família em geral;
- d) — A opinião das pessoas em relação a sua própria família (filhos desejados);
- e) — O ponto-de-vista da coletividade; a família como meio de satisfazer certos objetivos da nação".

Quanto ao aspecto económico, Sauvy chama a atenção para o fato de que nos países pouco evoluídos as crianças podem ajudar aos pais velhos, particularmente nas famílias do campo. Já nos países desenvolvidos, as crianças não trabalham antes dos 15 anos, constituindo pesados encargos. Daí a preocupação da limitação da natalidade.

Colocada a segunda questão — o equilíbrio psicofisiológico da família, pergunta-se Sauvy sobre o número ideal de filhos, posta de lado a questão económica. A idéia do filho único é pouco aceitável. No entanto, os filhos numerosos têm, também, os seus inconvenientes, pois o acúmulo de crianças provoca negligências em seus cuidados. Contudo, fica difícil o estabelecimento do número ideal de filhos. "Os irmãos e irmãs", — acrescenta — "se não são os melhores educadores, ao menos são elementos necessários à educação".

A terceira questão: a família de tamanho "ideal". Aí A. Sauvy retoma um trabalho de Alain Girard e Louis Henry⁽¹³⁾, fixando-se na análise de um quadro apresentado pelos dois estudiosos, que, em seguida, transcrevemos. Como se trata de uma pesquisa interessante, achamos por bem inserir em nosso trabalho dita verificação, mesmo não sendo ela resultante de inquérito realizado no Brasil, ou em outro país, cujo estágio de desenvolvimento seja comparável ao brasileiro. A opinião que vamos transcrever é uma opinião francesa. (V. Tab. 4.)

Tanto para o homem como para a mulher o número ideal de filhos é, aproximadamente, 3. Note-se, também, que, de acordo com o quadro apresentado, há pouca diferença entre o comportamento do homem e da mulher em relação ao número de filhos. Na prática, porém, o número de filhos é inferior à média ideal, pois não ultrapassa de 2, 14, em média. Outra diferença: 39% das famílias ou não têm filho ou só têm um filho, contrariando a média ideal, que seria, para ambos os casos, de apenas 5,0%.

A quarta questão: a opinião das pessoas sobre sua própria família. Respondendo à pergunta: "Pensando especialmente nas pes-

TABELA 4

Resultados apresentados por A. Girard e L. Henry, sobre o número de filhos ideal, segundo A. Sauvy — França — 1955.

N.º de filhos	Homens	Mulheres	Conjunto
0	1,4	1,2	1,3
1	3,4	4,0	3,7
2	31,8	29,2	30,5
3	43,8	46,8	45,1
4	15,3	14,5	14,9
5	2,9	2,8	2,8
6 e mais	1,4	2,0	1,7
TOTAL	100,0	100,0	100,0

Fonte: A. Sauvy — *La Prévention des Naissances*.

soas do mesmo meio que o seu e dispondo dos mesmos recursos, qual é o número de filhos ideal em uma família?", a resposta ficou em 2,63, em média. Outra observação a fazer: os filhos de famílias numerosas têm, em média, um desenvolvimento intelectual mais baixo, obtendo nos testes notas mais fracas que as das crianças de famílias menores.

Finalmente a questão: o ponto-de-vista da comunidade. Quantos filhos deve ter uma família para que a sociedade realize seus objetivos? "Mas, que objetivos", pergunta Sauvy, que ajunta: "Pode-se admitir a substituição integral de uma geração pela seguinte. Mas isso não é suficiente, pois, tanto quanto a mortalidade diminua e substituição integral de uma geração por outra, corresponde a um envelhecimento da população, daí ser conveniente o aumento da população, mesmo pequeno. Na França, a população cresce 1,25% e, para tal, é necessário que cada família tenha, em média, 2,5 filhos".

CONDIÇÕES HIGIÊNICAS MUNDIAIS

Num estudo específico do abastecimento de água em países em desenvolvimento, Dieterich e Henderson⁽¹⁴⁾ nos dão uma vi-

são geral dêsse grave problema. Para os referidos autores, o abastecimento de água chegou a ser um fator determinante para a saúde pública e o desenvolvimento econômico. Nesse trabalho, fica patente a insuficiência dos serviços de abastecimento de água nas áreas urbanas de tais países.

No Norte da África, o exemplo mais marcante é o Marrocos, onde a população urbana não abastecida é de 45%. Na RAU, outro extremo, o total alcança 10%.

Na África, ao sul do Saara, o problema é ainda mais delicado. Tchad e o Togo vão a 75%; o Niger, 70%; o Alto Volta, os Camarões, Rodésia e Moçambique, 65%. Na América Central, Costa Rica é totalmente abastecida; o Panamá o é em 95%, sendo razoável a situação nos outros países, a exceção do Haiti, onde 40% da população não é abastecida.

Na América do Sul, o Paraguai é o país que se encontra em pior situação, com apenas 60% de sua população urbana abastecida de água. Bolívia, Brasil, Equador e Venezuela apresentam 85% da população beneficiada, ficando a Argentina, Chile, Colômbia, Peru e Uruguai com um total de 90%.

Na Ásia sudoeste, Israel é quase totalmente abastecido (95%). Vém logo após o Líbano e a Síria (90%). O Iêmen está no outro extremo com apenas 30%. Nos outros países da Ásia (não há dados sobre a China continental) a situação é igualmente grave. O Afeganistão é o mais abastecido: 70%, seguido do Nepal, Paquistão e Malásia, com 60%. Filipinas e Ceilão, por sua vez, apresentam um percentual de 55%. A Birmânia, bem menos favorecida, oferece apenas um percentual de 25%.

CONDIÇÕES HIGIÊNICAS LOCAIS

As condições higiênicas são as mais precárias em tôdas as áreas estudadas. Assim, no Retiro, 80,3% da população utiliza água de chafariz, contra 77,8% nos Alagados, 65,4 na Federação e 52,1% no Acupe (vide Tabela 5). Por outro lado, 60,7% das casas no Retiro lançam os excretos ao solo e 87,5% dos Alagados os lançam no mar. Na Federação e no Acupe, predominam as fossas em, respectivamente, 81,2% e 71,6% das residências (vide Tabela 6). Quanto às paredes, as casas se apresentam do mesmo modo, isto é, em condições higiênicas insuficientes: a maior parte das paredes são de barro (por circunstância peculiar, os Alagados aparecem com alto percentual de paredes de madeira, pois suas casas são construídas sobre o mar). As paredes de barro compõem com 68,2% na Federação, 62,4% no Retiro, 60,5% no Acupe e 46,1% nos Alagados (vide Tabela 7).

Relação das Tabelas sobre Dados Higiênicos

TABELA 5

Abastecimento de água em 4 bairros distintos da cidade do Salvador-Bahia 1966.

Tipo	BAIRROS			
	Fed. (110 casos)	Acupe (108)	Retiro (112)	Alagados (104)
Encanada	28,3%	10,5%	7,9%	18,2%
Chafariz	65,4	52,1	80,3	77,8
Água de fonte	6,3	36,3	10,7	0,9
S. R.	—	1,1	1,1	3,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa de campo

TABELA 6

Remoção de excretos em 4 bairros distintos da cidade do Salvador-Bahia — 1966.

Destino	BAIRROS			
	Fed. (110 casos)	Acupe (108)	Retiro (112)	Alagados (104)
Fossa	81,2%	71,6%	37,6%	12,5%
Solo	18,2	26,1	60,7	87,5
S. R.	0,6	2,3	1,7	—
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa de campo.

TABELA 7

Tipos de parede encontradas em 4 bairros distintos da cidade do Salvador-Bahia — 1966.

Tipos	BAIRROS			
	Fed.	Acupe	Retiro	Alagados
Tijolo recoberto	30,0%	36,1%	30,2%	12,5%
Barro batido	68,2	60,5	62,4	46,1
Outro tipo	1,8	3,4	7,4	41,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa de campo.

OS NÍVEIS DE INSTRUÇÃO

Os estudiosos do subdesenvolvimento apontam o analfabetismo como uma das características dos países em desenvolvimento. Esse sintoma praticamente inexistente nos países altamente industrializados. Dos Estados Unidos, França ou URSS a vários países da África ou Ásia vai uma grande distância. É que a pobreza dificulta a instrução, impossibilitando às classes menos favorecidas e numericamente mais concorridas a enfrentar a concorrência que a sociedade oferece. Le Bret⁽¹⁵⁾ já lembrava a insuficiência dos quadros técnico-científicos dos países em desenvolvimento, cuja formação educacional se vê dificultada por uma série de fatores. As dotações orçamentárias destinadas à educação não são, nos casos mais frequentes, satisfatórias. Daí o agravamento do problema. Nos bairros por nós estudados foi essa a situação, conforme as Tabs. 8 e 9.

AS PROFISSÕES DAS POPULAÇÕES ESTUDADAS

Os indivíduos de origem rural, salvo raríssimas exceções, dedicavam-se às atividades primárias, à agricultura mais exatamente. Poucas possibilidades de escolha lhes dava o campo. Assim, toman-

TABELA 8

Nível educacional do chefe, em 4 bairros de Salvador-Bahia — 1966.

Grau atribuído	BAIRROS			
	Fed.	Acupe	Retiro	Alagados
1	27,0%	29,4%	5,3%	18,4%
2	23,8	23,4	30,3	24,0
3	28,6	27,3	53,7	4,90
4	15,9	16,8	10,7	7,6
N. D.	4,7	3,1	—	1,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa de campo

TABELA 9

Nível educacional da mulher, em 4 bairros de Salvador-Bahia — 1966.

Grau atribuído	BAIRROS			
	Fed.	Acupe	Retiro	Alagados
1	28,6%	32,8%	9,0%	18,5%
2	22,2	10,5	26,9	17,3
3	30,2	29,5	55,3	43,2
4	14,3	14,7	7,1	—
5	—	5,2	1,7	2,8
N. D.	4,7	7,3	—	18,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa de campo.

do por base as famílias estudadas na Federação e no Acupe, podemos apresentar os seguintes resultados. Esclareçamos, porém, que aqui nos servimos diretamente das conclusões a respeito chegadas por Guilherme Rodrigues da Silva (*Doenças de Chagas em Famílias de Duas Áreas Restritas da Cidade do Salvador, Bahia; Salvador. 1966. 128 págs.*). Vejamos a tabela sobre o assunto:

TABELA 10

Situação ocupacional, e principal tipo de ocupação. Distribuição percentual de 666 pessoas⁽¹⁾, tôdas as idades, em duas áreas da Cidade do Salvador-Bahia.

Situação Ocupacional	Federação		Acupe	
	Masc. 226 (%)	Femin. 234	Masc. 104	Fem. 102
Extradoméstica	28,8	10,7	30,8	20,6
Domést. não-re-munerada	0,4	22,2	3,8	23,5
Escolares e pré-escolares	68,6	65,8	52,9	47,1
Inativos	0,9	—	3,8	2,0
Não-determinada	1,3	1,3	8,6	6,9
Ocupação	65°	25°	30°	21°
Operários não especializados, ser-ventes, etc.	49,2	40,0	53,3	57,1

(1) Amostras de 63 famílias da área da Federação e de 30 famílias do Acupe.

(2) Número de pessoas com informações registradas.

Fonte: G. Rodrigues da Silva, *op. cit.*

DIAGNÓSTICO DAS MIGRAÇÕES

RECÔNCAVO, O GRANDE FORNECEDOR DE MIGRANTES

É na região do Recôncavo que Salvador vai buscar o maior contingente migratório, isto é, em seus próprios arredores, em um raio não superior a 150km. Ao mesmo resultado chegou Beaujeu-Garnier⁽¹⁰⁾, contestando a opinião corrente de que o principal centro fornecedor de migrantes fôsse o Sertão. A referida estudiosa apresentou os seguintes percentuais por região, conforme podemos ver, de acôrdo com o quadro abaixo:

TABELA 11

Origem dos migrantes por regiões do Estado da Bahia-Salvador, 1962.

REGIÕES	N.º ABSOLUTO	PERCENTUAL
Recôncavo	197	75,4%
Feira de Sant'Ana	17	6,5
Jequié	13	4,9
Litoral Norte	11	4,7
Nordeste	7	4,3
Cacaueira	6	2,3
Enc. da Chapada	6	2,3
Baixo Médio S. Francisco	2	0,7
Barreiras	1	0,3
Senhor do Bonfim	1	0,3
Conquista	1	0,3
T O T A L	262	100,0

Fonte: *Boletim Baiano de Geografia*, n.ºs 7 e 8

Já o Prof. Milton Santos⁽¹⁷⁾ nos dá outras informações. Para esse pesquisador, os centros de origens dos migrantes estão assim distribuídos:

Recôncavo	-----	40,72%
Sertão	-----	40,68%
Sul	-----	11,82%
Litoral Norte	-----	6,72%

Cabe-nos aqui uma observação: Recôncavo e Litoral Norte correspondem às zonas fisiográficas do mesmo nome. O Sul, às zonas Cacaueira e Extremo-Sul, e as demais ao Sertão.

O que, porém, se deduz da revelação acima é que o Recôncavo aparece como um contribuidor mais fraco em relação aos dados da Profa. Jacqueline Beaujeu-Garnier. Milton Santos destaca a importância do Sertão, que aparece modestamente no trabalho da mestra francesa. Nossa pesquisa demonstra igualmente a situação do Recôncavo como o local de procedência mais significativa dos novos moradores de Salvador. Os resultados apresentam pontos de contactos com os trabalhos citados. Aqui daremos a relação das origens dos moradores, incluindo da própria Salvador, por sexo, para termos uma idéia mais clara da importância dos migrantes no crescimento da cidade. Podemos ainda observar a maior afluência de pessoas do sexo masculino para Salvador. Em seguida, apresentaremos uma tabela exclusivamente com o percentual dos diversos indivíduos de ambos os sexos, com suas respectivas regiões de proveniência. (Tab. 14.)

TABELA 12

Proveniência dos chefes em diversos bairros de Salvador-Bahia — 1966

Regiões	PERCENTUAL POR BAIRRO			
	Fed. (110)	Acupe (108)	Retiro (112)	Alagados (104)
Salvador	31,8%	32,6%	37,5%	25,0%
Recôncavo	38,0	26,3	25,0	33,7
Feira	12,2	20,0	7,1	8,7
Litoral Norte	2,5	3,1	7,1	8,7
Jequié	1,7	1,0	5,3	3,7
Nordeste	—	1,0	1,7	5,0
Encosta da Chapada	2,5	1,0	3,5	—
Cacaueira	—	4,2	—	5,0
Conquista	—	—	3,5	2,5
São Francisco	—	—	3,5	1,2
Senhor do Bonfim	1,7	—	—	2,5
Serra Geral	—	—	1,7	—
Chapada	1,7	—	—	—
Outro Estado	7,3	3,1	3,5	2,5
S. R.	—	7,3	—	1,2

Fonte: Pesquisa de campo

TABELA 13

Proveniência das esposas e companheiras em diversos bairros de Salvador-Bahia - 1966

Regiões	PERCENTUAL POR BAIRRO			
	Fed. (90)	Acupe (89)	Retiro (102)	Alagados (72)
Salvador	16,7%	26,9%	51,8%	40,5%
Recôncavo	48,8	38,2	7,8	17,6
Fcira	3,3	8,9	15,6	17,6
Enc. Chapada	7,7	5,6	—	2,7
Cacaueira	—	1,1	1,9	1,3
Conquista	—	2,2	—	—
Jequié	3,3	8,9	3,9	1,3
Litoral Norte	3,3	2,2	3,9	8,1
Senhor do Bonfim	—	2,2	2,9	—
São Francisco	1,1	—	—	—
Chapada	—	—	1,9	—
Nordeste	3,3	—	5,8	2,7
Outros Estados	8,8	1,1	5,8	5,4
S. R.	3,3	6,7	1,9	1,3

Fonte: Pesquisa de campo

Essa constatação não é, contudo, peculiar à Bahia. Uma pesquisa patrocinada em Recife pelo Instituto Joaquim Nabuco revela fato semelhante no Estado de Pernambuco, onde a maior parte de sua população (Recife) provém de outros lugares. Nada menos de 58,7% corresponderiam aos migrantes, dos quais 44,2% seriam originários do interior do Estado e 13,9% de outros estados da Federação. Os naturais da própria Capital não ultrapassariam 41,3% do total.

PROBLEMAS DE FIXAÇÃO NAS AREAS

Apresentamos aqui a capacidade que tem cada bairro de reter seus moradores, de acôrdo com as informações recolhidas. A Tabela 15 nos dá uma idéia mais precisa. Ressaltamos, contudo,

TABELA 14

Origem dos migrantes para Salvador de acordo com as regiões fisiográficas e outros Estados — Bahia — 1966

REGIÕES	N.º ABSOLUTO	PERCENTUAL
Recôncavo	232	43,6%
Feira	95	17,2
Litoral Norte	38	7,1
Jequié	29	5,4
Enc. da Chapada	22	4,1
Nordeste	16	2,9
Cacaueira	14	2,6
Conquista	9	1,6
Senhor do Bonfim	9	1,6
São Francisco	6	1,1
Chapada	4	0,7
Serra Geral	2	0,3
Outro Estado	37	6,9
S. R.	21	3,9
T O T A L	534	100,0

Fonte: Pesquisa de campo

TABELA 15

Características da população em 4 bairros de Salvador, de referência ao número de anos de fixação do chefe na área. Percentual de Federação (110 casos), Acupe (108), Retiro (112), Alagados (104 casos).

Anos de Resid.	Fed.	Acupe	Retiro	Alagados
Menos de 1	4,5%	8,3%	5,3%	10,2%
1-4	28,2	29,6	50,1	45,0
5-14	38,2	37,0	25,0	32,0
15 ou mais	27,3	24,1	12,5	10,2
S. I.	1,8	1,0	7,1	2,6

Fonte: Pesquisa de campo

que aqui incluímos não apenas os migrantes, que são maioria, mas também os nascidos na própria Salvador. Tomou-se por base a residência do chefe em cada área.

Deduz-se daí que o Retiro e os Alagados são as áreas que possuem um maior número de moradores novos, migrantes sobretudo. No Retiro, 55,4% dos chefes estão aí estabelecidos a menos de 5 anos. Nos Alagados o percentual alcança 55,2, ao passo que é de 32,7 na Federação e de 37,9 no Acupe.

CONSIDERAÇÕES

Não resta a menor dúvida quanto à atração que as cidades exercem sobre os moradores rurais. Esse fenômeno de desruralização é uma conseqüência do processo de desenvolvimento sócio-econômico e caracteriza mesmo o estágio de progresso de um país ou região. Assim é que os países tipicamente subdesenvolvidos são justamente os que apresentam as taxas mais elevadas de ruralização, contrastando com a preponderância das populações urbanas dos países industriais.

O subdesenvolvimento não é um fenômeno estático. A preocupação de sua superação parece ser uma constante. Desenvolver é, entre outras coisas, criar novos empregos. A cidade é bem mais capaz disso do que o campo. Daí a inevitabilidade do êxodo rural. Os problemas urbanos agravam-se na razão direta do número de novos moradores e na inversa da possibilidade urbana de oferecer condições para uma completa absorção dos migrantes, integrando-os no novo meio social. O resultado de tais fraquezas patenteia-se por toda a parte do mundo. São as *bidonvilles* de Tunis, as favelas do Rio de Janeiro, os mocambos de Recife, as *callampas* de Santiago, ou, para citar um exemplo bem baiano, os Alagados, em Salvador.

Daí vem o desafio. Como solucionar tantos problemas ligados a esse fenômeno? Somente um planejamento social global pode dar a resposta cabível. Dificilmente se obterá um êxito a curto prazo. Por trás de tais fenômenos está toda uma estrutura social característica de um país "essencialmente agrícola". O desenvolvimento industrial abre uma brecha no velho arcabouço cultural e perturba o equilíbrio existente. A arrancada, como que desarrumando a antiga situação, cria novas condições sociais, novas estruturas e novos hábitos que a despeito do aspecto aparentemente difícil, e por isso problemático, virão beneficiar a população de um modo geral, urbanizando-a, que é o mesmo que dizer proporcionar a uma grande parte dos habitantes conforto moderno, advindo das conquistas tecnológicas, que tanto caracterizam o mundo atual.

- 1 Dolot, Louis. *Les Migrations Humaines*. Paris, Presses Universitaires de France, 1958. 128 p.
- 2 Ibid.
- 3 Charrier, Jean-Bernard. *Citadins et Ruraux*. Paris, Presses Universitaires de France, 1964. 128 p.
- 4 Ibid.
- 5 Ibid.
- 6 Smith, T. Lynn. *Sociologia de la Vida Rural*. Buenos Aires, s.c.p., 1960. 646 p.
- 7 *A Saúde no Mundo*. Genebra, fev./mar., 1968.
- 8 Ibid.
- 9 Ibid.
- 10 Anderson, Richmond K. World Trends in Population Control. *Canadian Journal of Public Health*. Toronto, 57 (2).
- 11 Lacoste, Yves. *Os Países Subdesenvolvidos*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1966. 264 p.
- 12 Lebret, J. L. *O Drama do Século XX*. São Paulo, Duas Cidades, 1963. 207 p.
- 13 Sauvy, Alfred. *Les Préventions des Naissances*. Paris, Presses Universitaires de France, 1962. 128 p.
- 14 Dieterich, Bernd H. e Henderson, John M. *Situación y Necesidades de los Servicios Urbanos de Agua en Setenta y Cinco Países en Desarrollo*. Genebra. Organización Mundial de Saúde, 1965. 100 p.
- 15 Lebret, J. L. *Dynamique Concrète du Développement*. Paris, Les Éditions Ouvrières, 1961. 550 p.
- 16 Beaujeu-Garnier, J. As Migrações para Salvador. *Boletim Baiano de Geografia*. Salvador (7-8): 3-14, dez. 1961/mar. 1962.
- 17 Santos, Milton. As Migrações para Salvador através da Análise do Fichário Eleitoral. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*. Belo Horizonte (15).